

Setúbal: pelo crescimento da América Latina.

"O objetivo desta quarta reunião do Consenso de Cartagena é fixar uma definição muito clara sobre a necessidade de a América Latina entrar em uma fase de expansão econômica", afirmou, ontem, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Olavo Setúbal, acrescentando que esta é a única forma de solucionar os problemas políticos, sociais e econômicos da região e pagar a dívida externa.

Setúbal, que estabeleceu uma nítida divisão de trabalho com seu colega, o ministro Dilson Funaro, da Fazenda, negou-se a responder outras perguntas técnicas, remetendo-as a Funaro, alegando que só trataria da parte política da reunião. Funaro afirmou ser imprescindível que as taxas de juros internacionais caiam de 1,5 a 2%, o mais rápido possível. "Essa diferença" — disse — "é a diferença entre ter um país sem nenhum espaço ou um país com um significativo campo para crescer".

Estabelecendo um paralelo com a situação do Brasil, Funaro afirmou que, assim como internamente está tentando ouvir todas as forças sociais existentes, num tra-

lho político para a solução dos problemas brasileiros (basicamente a inflação), os países da América Latina tentarão, no âmbito de Cartagena, conseguir uma unidade de ação para fazerem-se ouvir politicamente pelos países industrializados e pela comunidade financeira internacional.

Funaro considera viável que haja unidade de pensamento em relação às taxas de juros, renegociações para pagamento do principal, sobre limites ao monitoramento e a intervenção do Fundo Monetário Internacional, as condicionalidades e também em relação ao Plano Backer.

O ministro da Fazenda não desmentiu informação extra-oficial obtida junto à equipe técnica preparatória do quarto encontro, segundo quem, com exceção do Brasil (tem reservas e exportações diversificadas), nenhum dos 11 países membros tem condições de arcar com os serviços da dívida no próximo ano, já tendo deixado de pagar grande parte deles em 1985.

Mesmo tendo condições de pagar, Funaro afirmou que essa situação tem provocado elevado sacrifício dos brasileiros e que é

inadmissível exportarmos 25% da poupança interna do País, e mesmo assim, ver a dívida dobrar a cada seis ou sete anos.

Outro dos pontos críticos em discussão em Montevidéu — a desvalorização das matérias-primas e produtos agropecuários responsáveis pela perda de cerca de US\$ 70 bilhões pelo Terceiro Mundo somente este ano —, foi abordado como problema mais complexo, pela multiplicidade de fatores que integram neste processo.

Como exemplo, Funaro citou a queda dos preços do petróleo, que, se por um lado prejudicam profundamente o México e a Venezuela, por outro beneficia o Brasil. A queda do petróleo, além disso, provocou uma explosão na Bolsa de Nova York que pode levar ao reaquecimento da economia dos Estados Unidos e, com ela, de todo o mundo, facilitando a colocação da produção brasileira. Enfatizou o ministro da Fazenda que a esse respeito, assim como de outros produtos primários, há necessidade de revisão das políticas de subsídio tanto norte-americana quanto européia.

(M.M.)